

Eucaristia, fonte de vida cristã

Para uma leitura da Beata Alexandrina

JOÃO DUQUE*

O centro da vida – em sentido espiritual e mesmo em sentido material – da Beata Alexandrina de Balazar foi, precisamente, a Eucaristia. Ela mesma o afirmou repetidamente, concentrando essa orientação vivencial no famoso pedido: «Transforma-me, ó Jesus, na tua Eucaristia!»¹ O que aconteceu, não apenas para a sua vida espiritual – como culminar de um processo longo – mas também para a sua vida biológica, num forte sinal unificador das diversas dimensões da vida humana e revelador do seu verdadeiro fundamento.

Por seu turno, o Padre Mariano Pinho tornou-a conhecida como «Vítima da Eucaristia», famoso título do livro que, em 1958, dedicou à «doentinha de Balazar». Trata-se, sem dúvida, de uma denominação tão adequada quanto paradoxal. De facto, como poderá alguém ser vítima da própria fonte da vida? Que poderá significar, em tal contexto, ser-se vítima? E que terá essa vitimação a ver com outras vitimações? Essas são questões, sem dúvida, fundamentais para abordar elementos importantes da celebração da Eucaristia, enquanto Sacramento central (Santíssimo Sacramento) da vida cristã.

Tendo em conta o facto de que Alexandrina viveu da Eucaristia, alimentando-se dela, por nela concentrar toda a sua existência, seja em dimensão espiritual seja material; tendo em conta que, desse modo, se transformou em vítima da Eucaristia, participando da forma como o próprio Jesus Cristo é

* Universidade Católica Portuguesa – Braga.

¹ Citado em H. PASQUALE, *Beata Alexandrina*, 7ª Ed., Ed. Salesianas, 1998, 178.

vítima eucarística, concentrarei esta minha abordagem nesses dois aspectos: a Eucaristia como alimento da verdadeira vida e a Eucaristia como sacrifício (em) que (se) dá a vida.

Para a elaboração das reflexões que se seguem, partirei dos escritos já publicados sobre a vida da Beata Alexandrina, assim como dos textos dela, dispersamente incluídos nessas publicações. Não se trata, por isso, de um estudo sistemático da sua espiritualidade e teologia eucarísticas, já que isso exigiria uma leitura atenta de todos os seus escritos e uma longa elaboração. A necessidade de, no futuro, se realizar esse estudo, aconselha a uma publicação crítica de todos os seus escritos, com o devido acompanhamento científico, o que espero venha a acontecer com a brevidade desejável e possível.

1. Viver da Eucaristia

É sabido que faz parte da história de Alexandrina o facto de ter vivido, em sentido total, os seus últimos treze anos de vida apenas da ingestão do pão eucarístico. Nela – e, através dela, como sinal para o mundo – a Eucaristia manifestou-se, de forma extraordinária, como o verdadeiro alimento do ser humano. E manifestou-se assim, também, qual a verdadeira vida de que poderemos viver, para além de qualquer outro sentido que possamos dar à vida.

Aliás, o sentido do fenómeno não foi, propriamente, o de o tornar um prodígio de magia, para impressionar as pessoas, sobretudo os mais incrédulos. A sua finalidade é da ordem do simbólico, na medida em que pretende conduzir-nos ao nível mais fundo, invisível, da percepção da própria realidade da vida. Quando, numa das revelações, Jesus lhe diz: «Tirei-te o alimento. Fiz, faço-te viver só de mim. Sabes para quê, minha filha? Para mais e mais luz»², torna-se evidente que Deus pretende, desse modo, dar um sinal luminoso a todos os seres humanos, frequentemente distraídos da verdadeira fonte da vida.

Não que, desse modo, seja anulado o sentido corrente que damos à vida; nem, de modo algum, é retirada a importância que devemos dar à vida humana, em sentido biológico; muito menos se neutraliza a obrigação de cada cristão se sentir activamente responsável pela vida biológica dos outros, sobretudo daqueles que menos possibilidades possuem de a defender (como os que são eliminados no seio materno – mas também os que o são, de muitos modos, em plena luz do dia...).

Aliás, é sabido que o fenómeno feito sinal na vida de Alexandrina não se deu por acaso, como que por uma intromissão forçada de Deus na vida de

² Citado em E. e Ch. SIGNORILE, *Vida interior da Beata Alexandrina*, Braga: A.O, 2004, 138.

uma sua pobre criatura, apesar dela e do seu envolvimento pessoal. Já no seu percurso anterior Alexandrina tinha demonstrado viver essencialmente par os outros, vivendo desse modo para Deus. Relativamente à sua relação como os pobres e famintos, diz-nos: «Algumas vezes, chorava com pena deles e por não lhes poder valer em todas as suas necessidades. A minha maior satisfação era dar-lhes daquilo que tinha para comer, privando-me assim do meu alimento»³. Ou seja, a sua preocupação com a vida dos outros – e também com o seu alimento material, de que fortemente careciam – é que a conduziu a perceber a dimensão da verdadeira vida, fazendo-a experimentar de forma única o modo como essa vida pode ser alimentada simplesmente a partir de Deus.

Esse sinal especial não implica, portanto, que a verdadeira vida humana tenha que ser apenas dessa forma, para todos e de forma completa. A percepção especial e simbólica dessa mais profunda dimensão da vida – que é vivida na Eucaristia – não anula, antes aprofunda e exige o compromisso com a vida real, biológica, quotidiana, de todos os humanos.

E o alimento eucarístico é, para além disso, sinal da importância, nessa vida biológica, do pão quotidiano, que deve ser acessível a todos. Assim, a concentração no pão eucarístico conduz-nos à solidariedade fundamental com os outros seres humanos, especialmente no que se refere à necessidade de alimento, em todos os aspectos da existência – e que costumamos «dividir» em aspectos materiais e espirituais. A preocupação com o acesso de todos ao alimento para a carne e ao alimento da educação, da formação, da liberdade, da própria fé – essa preocupação está incluída na própria Eucaristia, como sua condição e como sua consequência. Por isso é que a Eucaristia é fonte e cimo de toda a vida cristã – e, por essa via, de toda a vida humana.

Da vida de Alexandrina, feita vida eucarística, jorra uma vida para todos, a partir da Eucaristia e feita vida quotidiana. Não uma vida qualquer, mas uma vida fundamentada apenas em Deus. E essa vida, assim fundamentada, é uma vida para ser dada, como alimento, a todos os humanos que nos interpelam ao compromisso. Assim, o pão eucarístico, como alimento da verdadeira vida, é alimento e fonte de toda a vida, levando-nos ao empenho pelo alimento de todos, em todos os sentidos do termo.

Só assim a vida humana – toda a vida e não apenas uma outra vida, para além da morte – se torna possível como vida e como verdadeiramente humana. Caso contrário, essa vida tornar-se-ia impossível, para muitos – por privação das condições básicas da existência – e tornar-se-ia causa de morte eterna para outros, por eliminação da caridade eucarística, como única fonte da verdadeira vida.

³ Citado em H. PASQUALE, *op. cit.*, 38.

No pão eucarístico, que se destina primordialmente a ser ingerido, comido pelo ser humano que acolhe, nele, o próprio Jesus Cristo, encontram-se presentes, também, outras dimensões importantes da Eucaristia⁴. Em primeiro lugar, a dimensão celebrativa, como acção e encenação ritual de uma comunidade crente. Essa é a forma fundamental e habitual da Eucaristia, enquanto celebração sacramental, sendo no seu contexto que o pão se transforma no próprio corpo de Cristo. Isolar esse pão desse contexto de celebração comunitária será coisificá-lo ou objectivá-lo, de forma quase mágica. É certo que o pão não é corpo de Cristo apenas durante a celebração, mas permanece como presença de Deus no quotidiano do cristão. De qualquer modo, é impensável essa presença de Deus, sem que brote da celebração e para ela conduza.

Habitualmente, Alexandrina comungou o pão eucarístico fora da celebração. Contudo, isso aconteceu, evidentemente, não por capricho ou perversão da orientação celebrativa da Eucaristia, mas precisamente por impossibilidade física de nela participar, o que lhe causou não pouco sofrimento. Frequentemente, contudo, colocava o seu pensamento na Igreja paroquial, enquanto local de reunião e celebração da comunidade, mantendo-se assim espiritualmente unida à Eucaristia celebrada e participando nela de forma própria, completando essa participação na comunhão do pão.

Por outro lado, a Eucaristia, centrada na mesa do altar e na mesa da palavra, não pode separar o pão eucarístico do pão escriturístico. Este, de facto, não nos seria sequer compreensível e acessível como corpo de Cristo, se não fosse no enquadramento da interpretação que lhe dá a Escritura e da eficácia da palavra que realiza a própria «transubstanciação». Assim sendo, a concentração no pão não significa – nem poderia significar – um alheamento em relação à mesa da palavra, sendo que o pão se torna uma presença física da presença de Deus na sua palavra, igualmente alimento e, desse modo, fonte de vida. Aliás, palavra e pão serão as duas faces da mesma realidade, que é precisamente a presença de Cristo em nós, como alimento da verdadeira vida.

Nas palavras de Alexandrina abundam as referências à adoração, sobretudo orientada para os sacrários. É claro que, como vimos, essa prática cristã não pode isolar-se da celebração da Eucaristia, propriamente dita. Mas o seu significado não é, por isso, menor. De facto, a vida em que nos introduz e mantém o alimento eucarístico é, precisamente, a verdadeira vida do ser humano em Deus. E como poderemos exprimir essa vida? Alexandrina refere-se-lhe muitas vezes como uma forma de nada ser em nós, sendo apenas em Deus, que é tudo em nós. Ou seja, o máximo daquilo que podemos ser, enquanto seres humanos, revela-se, precisamente, nesse reconhecimento de que a nossa vida e o nosso ser se devem absolutamente

⁴ Sobre algumas dessas dimensões, pode ver-se: J. DUQUE, *O excesso do dom*, Lisboa: Alcalá, 2004.

e apenas a Deus. Ora, essa existência para pura «glória de Deus» é, precisamente, o que poderíamos qualificar de atitude adorante. Nesse sentido, toda a vida que brota da Eucaristia – assim como a própria celebração, já em si mesma, juntamente com todos os símbolos que a constituem – tudo isso encontra o seu ponto fulcral e a sua finalidade na atitude adorante. A adoração, mesmo quanto realizada ritualmente num acto próprio, é assim um elemento fundamental da Eucaristia, não constituindo apenas um acrescento ou algo lateral.

Em todos estes elementos, quotidianamente presentes na experiência de Alexandrina, resplandece a Eucaristia como imprescindível alimento para a vida humana, quando se encontra a caminho da verdadeira vida, aquela que não termina e que, desse modo, dá sentido a todas as formas de vida, mesmo àquelas que conhecem o fim natural de seres mortais que somos.

2. Paradoxo eucarístico

1. Em determinado momento, Alexandrina resumiu a sua existência num paradoxo fundamental: «Eu quero viver e morrer de amor. Jesus, seja o vosso divino amor a minha vida. Seja ele e só ele a minha morte»⁵.

Mas não será a morte o contrário da vida? E, quem se faz vítima de algo, não estará condenado, precisamente, a ser sacrificado à morte, em vez de destinado à vida? Como entender, então, esta aparente contradição?

Ela provém da «contradição» central do próprio cristianismo, que é o Mistério Pascal, precisamente tornado real e activamente presente na Eucaristia. Ora, o sinal de contradição básico desse mistério é precisamente a cruz. Em realidade, esta é sinal de morte; ou pior ainda, sinal de uma morte por vitimação – no caso de Jesus, por vitimação de um inocente. E Jesus recorda essa centralidade da sua cruz, quando diz à Alexandrina «Minha filha, sempre na cruz comigo, sempre comigo na Eucaristia... Vive a vida da cruz, vive a vida da Eucaristia»⁶. Mas não será a cruz, precisamente, sinal de morte e não de vida? E como pode a vitimação de inocentes, enquanto ponto mais baixo da humanidade, ser assumida como fonte de vida?

Claro que não o pode, em si mesma, já que o Deus bíblico nunca aprovou essa vitimação, nem sequer como rito sacrificial sagrado ou expiatório. Como tal, esse paradoxo tornar-se-nos-á compreensível apenas através de uma transformação radical dessa vitimação. De facto, na cruz de Cristo, Deus assume o lugar da própria vítima, denunciando assim mesmo a vitimação dos inocentes. E porque assume esse lugar em solidariedade de amor infinito, esse amor tor-

⁵ Citado em J. FERREIRA, *Vinde todos... à descoberta da Alexandrina*, 2ª Ed., Balazar 2005, 34.

⁶ Citado em *Ibidem*, 30.

na-se mais forte do que a morte, mesmo a morte de vitimação do outro. Assim, às vítimas humanas é dada a esperança de que a sua morte inútil e desumana não possua a última palavra, pois esta cabe ao Deus-amor, que não abandona os que sofrem – e todos os humanos sofrem, de um modo ou de outro.

Então, o «ser-vítima» em Jesus Cristo – assim como a morte – conhece a possibilidade de constituir fonte de vida, tal como acontece com a morte do grão de trigo, para que nasçam outros. Dar-se aos outros e pelos outros, como forma de morte, transforma-se em fonte de vida, para os outros e para o próprio que se dá. É esse o sentido do sacrifício cristão, que encontra o seu centro sacramental na Eucaristia. Nas palavras de Jesus à Alexandria: «A cruz é redenção, a Eucaristia é amor»⁷. A cruz é redenção, por que é manifestação de amor, tornada sacramentalmente presente a cada ser humano, precisamente na Eucaristia. Desse modo, a morte que constitui a maior tragédia do ser humano – sobretudo a morte inútil de vítimas inocentes – é reinterpretada e revivida, abrindo nela mesma uma brecha de esperança, a qual permite – e só assim – que essa tragédia, mesmo permanecendo dramática, possa vir a ser vencida.

O aparente paradoxo transforma-se, assim, no único caminho, que não diviniza a morte e o sofrimento, mas que lhe anuncia uma possibilidade de esperança e que convoca a uma acção solidária, na capacidade de sofrer com todos aqueles que, infelizmente, sofrem, até sentir a morte que atinge os humanos, sobretudo os sem esperança. Alexandria participa dessa solidariedade pascal com os efeitos mortais do pecado para, na fortaleza de um amor que é mais forte que essa morte, manifestar esperança de ressurreição. Diz-nos, em carta de 22 de Abril de 1939: «A minha alma sente a morte do mundo inteiro. É a morte, é a noite escura que reina por toda a parte e quando recebo Jesus é o que Ele mais me faz sentir: a morte total. Não sou só eu, é Jesus mesmo que se finge morto»⁸.

A responsabilidade pelos outros seres humanos, pela humanidade inteira, é aqui levada à sua radicalidade extrema, até à substituição dos outros, mesmo na sua qualidade de pecadores e de condenados à morte – assim como à substituição das vítimas desse pecado. Assim, uma pessoa assume o destino de todos, precisamente nas causas e nos efeitos do mal⁹. E porque o assume

⁷ Citado em *Ibidem*.

⁸ Citado em M. PINHO, *Vítima da Eucaristia*, Balazar 1958, 87.

⁹ Seria interessante estabelecer um paralelo com a forma como dois grandes pensadores europeus dos dois últimos séculos colocaram o problema: Fjodor Dostoiévsky, escritor russo, coloca na boca de uma das suas personagens a afirmação «Todos somos culpados de tudo e eu mais que todos os outros» (*Os irmãos Karamasov*); Emmanuel Levinas, filósofo judeu, fala frequentemente da categoria da «substituição», para se referir à forma como cada ser humano é interpelado a assumir a sua responsabilidade pelos outros: «A palavra *Eu* significa *eis-me aqui* respondendo por tudo e por todos... A responsabilidade na *obsessão* é uma responsabilidade do eu por aquilo que o eu não quis, isto é, pelos outros» (*Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, La Haye 1974, 180ss).

inocente e livremente, apenas por amor e por identificação com o próprio Cristo, na cruz, essa substituição torna-se fonte de vida, não apenas para si mesma, mas para toda a humanidade. Fonte de vida que recebe a sua força da verdadeira fonte primordial da vida, o próprio Deus, em Jesus Cristo, tornado presente na Eucaristia.

Numa cultura que transformou o sofrimento e a morte em tabus, que devemos encobrir para ignorar e seguir comodamente o nosso agradável percurso, esta chamada de atenção da cruz de Cristo, pela Eucaristia e, neste caso especial, pela forma como com ela se relacionou Alexandrina, é cada vez mais importante e urgente, caso contrário abandonaremos a um destino de morte total os nossos irmãos que inocentemente sofrem, assim como aqueles que os fazem sofrer e têm ainda possibilidade de acolher o perdão.

De facto, o caminho que permitirá superar o sofrimento e a morte é o do próprio sofrimento e da morte, caso contrário não passará de um caminho ilusório, marcado pela facilidade triunfalista de quem é cego para a real história humana. A história dos vencedores da história limita-se a percorrer esse caminho de glória, que desemboca na morte final, manifestando a falsidade da glória pretendida à custa do esquecimento das derrotas. A história dos vencidos e dos solidários com os vencidos percorre o caminho da dor, para nele encontrar a glória da ressurreição, pela transformação da morte em vida, única forma possível de não sucumbir à mentira de uma vida ilusória.

3. Dimensão cósmica da Eucaristia

Mas, desta dimensão de ressurreição – isto é, de transformação da morte em vida – não participam, apenas (se livremente o quiserem), os seres humanos. Toda a Natureza ou Criação precisa de fazer esse percurso, para possuir a verdadeira vida que não termina. Assim, os cristãos, que vivem da Eucaristia, são chamados a ser responsáveis por essa transição fundamental de toda a Criação.

Fá-lo-ão, por um lado, na medida em que souberem integrar todo o real existente – seres vivos e não vivos – no seu processo de passagem da morte à vida, através do sacrifício e do alimento eucarístico; e fá-lo-ão, por outro lado, na medida em que manifestarem essa nova vida já no interior desta vida, cuidando de toda a Criação, tal como pelo seu Criador lhes foi confiada.

Essa mística da integração de toda a realidade na Eucaristia e, por ela, no futuro da verdadeira vida, encontra-se claramente presente em muitos textos, sobretudo poesias, da Beata Alexandrina. Destaca-se, por exemplo, o «hino aos sacrários», que coloca em adoração profunda todos os elementos da Natureza, com especial incidência nas flores. Não se trata, nem de romantismo sentimentalista nem de pura utilização ou funcionalização desses elementos, como meios

para enfeitar o essencial. Trata-se de introduzir todas as criaturas no cerne do essencial, que é a adoração do Deus verdadeiro, única fonte da verdadeira vida e único sentido para toda a criação, com a humanidade no seu interior.

Termino com alguns excertos desse hino, que se situa claramente na tradição da profunda mística franciscana, incluindo na adoração salvífica todas as criaturas da terra:

«Ó Jesus, eu quero que cada gotinha de chuva que cai do céu para a terra, toda a água que o mundo encerra, oferecida às gotas, todas as areias do mar e tudo o que o mar contém, sejam actos de amor para os vossos sacrários.

Eu vos ofereço as folhas das árvores, todas as frutas que elas possam ter, as florezinhas oferecidas folhinha a folhinha (pétala a pétala), todos os grãos e sementes e cereais que possa haver no mundo e tudo o que contém os jardins, campos, prados e montes, ofereço tudo como actos de amor para os vossos sacrários.

Ó Jesus, tudo o que o mundo encerra, todas as grandezas, riquezas e tesouros do mundo, tudo quanto se passar em mim, tudo quanto tenho costume de oferecer-vos, tudo quanto se possa imaginar, como actos de amor para os vossos sacrários»¹⁰.

¹⁰ Citado em M. PINHO, *op. cit.*, 26.